

# IDEAL

LITTERATURA—HUMORISMO

ANNO I

S. PAULO—NOVEMBRO DE 1911

NUM. 8

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

Por anno . . . . . 4\$000  
» semestre . . . . . 2\$200  
Numero avulso . . . . . \$400

### PARA O INTERIOR

Por anno . . . . . 4\$000  
» semestre . . . . . 2\$400

### Pagamento adiantado

Redacção: Rua 7 de Abril 77.  
Tiragem 2.500 exemplares.  
Toda pessoa que angariar 5 assignaturas, terá uma gratis.

Não se restituem os originaes, embora não publicados.

Só poderão collaborar os srs assignantes e as pessoas amigas.

Toda correspondencia affecta ao *Ideal*, deve ser dirigida á redacção.

O «Ideal» acha-se á venda n'esta Capital: —  
Na rua Conceição 50, na rua 21 de Abril 328, e na rua Barão de Iguape 27.

### DIRECTORIA

Director — Saint-Clair dos Santos Fagundes.

1.º secretario — José Querido Sobrinho.  
2.º secretario — Moacyr de Cerqueira Cintra.

Gerente — Lauro Gonçalves Theodoro.  
Redactores — Alcino Queiroz e Mathias C. Cintra.

Auxiliar — Coriolano de Almeida Junior.

## 15 de Novembro

... Dos que vinham chegando, era a febre, era o clamor, era o encanto...

Ahi estão os vclumes, que se escreveram, por essa época, prosa e verso, ohi! Proclamam todos a mesma Crença, a mesma Loucura, o mesmo Ideal! De norte a sul do Brazil, na imprensa, na tribuna, a *Ideia Nova* cresceu, espalhou-se com o terror de uma cauda phantastica de cometa...

Ouviram-se os rugidos de leão de Silva Jardim e o cá trá de guerra das Academias O artigo diplomatico de Quintino Bocayuva era lido com soffreguidão nos quartéis; a energia de Aristides Lobo fazia raiva; dava impetus de morrer, abraçando-se a elle o nome de Saldanha Marinho, Bandeira que derrotava imperios, Espada de Roland.

Por cima de todos nós, passava uma atmosphera d'Etna.

E uns por theorias, outros, por tedio e cansaços do antigo regimen, todos impellidos por uma onda violenta de energias poderosas, anciavamos pelo *Novo*, que foi, é, e será sempre o melhor!... Era preciso, pois, que o throno de Bragança ruisse de chofre! Era preciso que não subisse ao throno o principe dos cortiços!

Como foi bella de ouvir então a palavra republicana, que, por um instante, vibrou a suprema nota de clarim nesse campo de batalha, que era o Imperio!

Não vos recordaes?

A multidão queria o enthusiasmo! Eil-o! Exemplos de coragem? Os propagandistas foram exemplos notaveis!

Nenhum momento de treguas! A mesma hora, a cada instante, no Paiz inteiro, a lucta d'um era a lucta de todos pelo *dejejo* unico, que não dormia pulsando—

## Amare... amare agnosco

A lei fatal do amor, essa lei mysteriosa  
Que zomba da razão, que vence o preconceito,  
Offertou-me, Cealide, esta purpurea rosa,  
E os espinhos crueis, crävaram-se em meu peito.

Debalde procurei o manancial sublime  
D'esse amor que separa as rosas dos espinhos,  
Debalde procurei... o amor que n'alma imprime  
Um sorriso de paz, venturas e carinhos...

Scisme! Sorri por fim que o pensamento humano  
Pretenda esmerilhar tal lei — desconhecida:  
Utopia sem par, verdade ou puro engano,  
Aonde inexistente o amor, ha inercia, não ha vida.

Uns, mais felizes são!... Passam cantarolando  
Doces hymnos de amor, pela estrada de arminhos:  
Outros que menos são... tambem passam cantando,  
Apezar de sentir, latentes, mil espinhos.

S. Paulo, 13 de Outubro de 1911.

S. C.

tic-tic—como um coração—segundo por segundo, minuto por minuto, hora por hora, dia e noite, inexoravel, durante anno e annos!

Oh! era tal o ardor dos que se batiam, que não sentiam peso d'opressão, não olhavam distancias e não ouviam chufas d'inimigo.

I.m-se, como heróes, a dous de fundo cegos e illuminados, por entre a multidão.

... E assim foi até que Benjamim Constant, esse tão raro ser mysterioso, cujo prestigio, todo d'essencias, resplandecia como um astro velado, mas que nunca tinha vindo cá fora senão a través d'um tom admirativo, e d'uma formula mathematica, vivendo na torre de marfim da pura abstracção, partiu de casa, numa manhã de novas, a galope, como um cavalleiro, espada no ar... Os discipulos seguiram-no marche-marche... Um general de bronze deixou-se arrastar na corrente desse enthusiasmo doudo... E dos labios frementes do Exercito Brasileiro partiu o grito de fogo:—*Viva a Republica!*

EMILIO P.

## Um projecto do Imperador

...Em Cannes, mezes após a morte da imperatriz.

Sózinho, no quarto do hotel, o Imperador lê, sentado juncto a larga mesa atulhada de livros e jornaes.

Traja rigoroso luto, que lhe accentúa a pallidez das faces e a alvura das cans. Batem à porta; entra o conde de Motta Maia:

—Senhor, uma boa noticia do Brasil...

—Boa noticia do Brasil? Diga depressa, acóde D. Pedro II, alvoroçado, depondo o volume cuja leitura o absorvia.

Recebi uma ordem, mediante a qual será entregue a vossa magestade certa quantia! E' a primeira que de lá vem, e chega muito a proposito.

—Bem bom... bem bom... exclamou o imperador.—Já recebeu?  
—ainda não.

—Pois tracte de receber sem demora. Ande

Não podes o conde de Motta Maia dissimular a estranheza que lhe causava aquelle regosijo do imperador deante do proximo recebimento do dinheiro, — elle tão abnegado, tão cavalheiro, tão alheio a questões pecuniaras.

D. Pedro II, durante o seu longo reinado, nunca trouxera na algibeira somma alguma; jamais pegara numa moeda ou numa nota, como que o dinheiro lhe produzia invencivel repugnancia. Ter-lhehiã o exilio e as desgraças alterado o nobre character?! O imperador percebeu a surpresa do conde, pois explicou:

—Disse — bem bom, — porque posso, com essa quantia, despachar isto... A demora já me affligia.

E, abrindo a gaveta da mesa, tirou vultuoso maço de papeis dobrados e escriptos em forma de requerimentos. Eram pedidos de esmolas, auxilios, de subvenções, semelhantes aos que profusamente elle costumava acceitar outr'ora em S. Christovam, quando no supremo governo do Brazil.

Acto continuo, tomando um lapis' sua magestade, depois de percorrer rapidamente as petições poz-se a despachal-as. No alto de uma, escrevia — 100 francos; no de outra — 200; no de terceira — 500; e assim por diante, conforme o merecimento do pedinte.

A' proporção que despachava, passava os requerimentos ao conde Motta Maia, com um gesto d'este conhecido e que significava deverem ser immediatamente satisfeitas as dadas designadas.

O conde tomava os papeis em silencio, mas sorrindo tristemente. Quando o imperador acabou, empunhou, por seu turno, um lapis, e á margem de um jornal, allinou e sommou os algarismos traçados nos requerimentos;

—Sabe vossa magestade quanto mandou dar?

— Pouca cousa.

— Cinco mil e trszentos francos.

— E então?

— A ordem do Brasil produzirá apenas quatro mil.

— Comprehendo Devolva-me os papeis. Rectificarei os numeros de, maneira que chegue.

O conde abanou repetidamente a cabeça.  
— Que ha? — indagou o imperador.

—E' que vossa magestade parece esquecido das condições que nos achamos.

— Como assim?

—Vossa magestade não se recorda de que estamos quasi sem recursos devendo ao hotel, constangidos a effectuar largas economias...

— Já sei... já sei... mas ignorava que não pudesse attender a alguns pobres que me estendem a mão.

— Não póde, meu senhor, não póde, — perdôe-me que lh'o declaro com franqueza Vossa Magestade está obrigado a cohibirse nas esmolas. Nossa situação não é favoravel, é má... Ha de melhorar, acredicto; mas, por ora, cumpre-nos cortar todas as despesas não imprescindiveis. O dinheiro do Brasil amortizará apenas a conta do hotel...

O imperador levantou-se lentamente, os braços cruzados, os olhos azues muito abertos e fixos, começou a passear pelo aposento O seu porte imponente, a sua longa barba branca, o seu ar pensativo tornavam lhe augustissimo o venerando aspecto.

De repente, parando em face do conde: — Sabe que mais, sr. Motta Maia? Nutro, de ha muito, um bello projecto e julgo azado o momento para o realizar.

— Serei indiscreto perguntando que projecto é, meu senhor?

— Ouça. Estou resolvido a imitar o exemplo de um imperador como eu, de Carlos V. Entrarei para um convento e ahi passarei os poucos dias que me restam... um convento que possua uma boa livraria... Que mais me é dado ambicionar?!

— Oh! senhor...

— Só uma circumstancia me tolhe...

— Perdôe vossa magestade. interrompeu o conde — mas...

— Só uma circumstancia me tolhe, proseguiu D. Pedro II. Estou velho, enfermo, habituado aos cuidados constantes do meu medico, que me conhece e no qual tenho confiança. Nos conventos não ha medicos.

— Quanto a isso, não, meu senhor! — atalhou vivamente Motta Maia.

Acompanharei vossa magestade, seja aonde fór.

O imperador segurou a mão do seu medico e apertou-a.

— Estou certo d'isso, — disse gravemente. Mas não tenho o direito de lhe impôr tamanho sacrificio...

Basta os que já tem feito...

E, ordenou silencio com um aceno imperioso, recomeçou a passear pelo aposento, os olhos vagos, os braços sobre o peito.

Por fim, soltou um suspiro, sentou-se retomou o livro.

Vá... vá... sr Motta Maia. Receba o dinheiro. Salde as nossas contas. E si, por acaso, sobrar alguma cousa, execute sempre os despachos possiveis... Ora... seja homem... não me tire as forças... não me entristeça...

O conde Motta Maia chorava!

AFFONSO CELSO.

## Eneida-Lusiadas

Entre os variadissimos ramos em que a litteratura se divide, nenhum em nosso sentir, mais profundamente que o genero epico, é capaz de demonstrar as sublimes fulgurações de um engenho, e a indole caracteristica de um povo. E assim quer nos parecer, pois quando corremos os olhos sobre as diversas litteraturas — desde os classicos tempos greco-romanos até nossos dias — são, em geral, os poetas epicos os elevados picos que primeiro nos ferem a vista.

Lembramo nos das litteraturas grega, latina, italiana, portugueza e ingleza? Logo nos occupam a mente Homero, Virgilio, o Dante e o Tasso, Camões e John Milton, antes do Sophocles ou Demosthenes, Cicero ou Terencio, Alfieri ou Manzoni, Vieira ou Herculano, Shakespeare ou mesmo Byron poderem se nos antolhar.

Dizemos, porém, em geral, em geral, porquanto o unico povo productor de poema epico — o allemão com Klopstock — cremos fugir á nossa regra.



se ponha ridiculamente a traduzir por amáras demenciações, cousas de almo encanto, jubilos, que nós outros, filhos de Eva, sentimos, admiramos e expressamos francamente. Si são victimas da sorte conformem-se com ella e si podem ser virtuosos façam uso da resignação que tambem é uma virtude...

—E's engenhosa e és feliz! Deu te Deus uma alma excepcionalmente... ingenua, direi mesmo, credula, entretanto, exalá não te vejas um dia na emergencia de mudar de opinião, minha am'guinha! Oh, nem te lembras que basta as vezes uma gottasinha de fé, para transformar todos os nectares que transbordam da taça das delicias da vida intensa... mas incompleta. E nem te lembras que a resignação tão suave e tão santa, si reanima o coração, si alenta a alma humana, não restitue o objecto pranteado, nem apaga da memoria, os traços indeleveis de desventuras que teriam sido desgraças, si o sopro religioso não alentasse o ente humano, fazendo de sua alma—rochedo contra o qual se vêm desfazer as ondas sempre agitadas do oceano das provações.

—Sim; mas, que diz isso tudo? Estiveste a ler alguma pagina de Chateaubriand?...

—Diz muito Lóla, diz muito Bem vejo que és ainda mais inexperiente do que eu. Tua vida corre ainda, entre rosas, benções e santas alegrias... e entretanto quantas vezes não divisei um reflexo de melancholia, quem sabe si de tristeza mesmo, esbatido em teu semblante!

Sim, aguarda pelas tuas primeiras desillusões, e dir-me-has um dia, si ser triste é ser fraco, pusillanimo ou tolo phantasia, ainda que vás viver no solidão, ou no recolhimento. Lembra te de que, nós, pobres filhos de Eva, somos exilados n'esta vida:—a terra é a patria do exilio—e pensa então, que esse calido ambiente das desventuras é como a brisa misteriosa e tepida que perpassando pelos rosas floridos, leva consigo todo o aroma das rosas, que é o balsamo das nossas maguas, e apenas nos deixa petalinas que lentamente emmurchecem... e espinhos que avivarão sempre as chagas do coração humano, n'esta tragedia da existencia, solemne e necessaria, para nós que sentimos, pensamos e amamos... Disse o poeta: «Qu'il nous faut du malheur recevoir le baptême, Et qu'à ce triste prix tout doit être acheté.»

—Sim, bem sei; mas emfim, nada me tolhe de afirmar, que ainda se me depara quasi impossivel, conceber creaturas quasi sempre taciturnas, como naufragos, de mil foscobros, perseguidos, dir-se-hia por atrcz remorso.

—Pois consideras bem de leve a questão; e de facto não poderias fazel o differentemente. Os tristes, Lóla, não são o que tu pensas, não! São naufragos que perderam as illusões terrenas, mas vivem de realidade.

E tu sabes que só as illusões são bellas, sorridentes e sublimes e que a realidade, quando não é triste ou acerrima, é agridoce apenas. A propria gloria, parece não satisfazer as aspirações do heróe, n'esta vida! Si esses tristes não possuíssem virtudes, o heroismo da coragem, teriam talvez desesperado, um dia. Que hajam creaturas affeitas as alegrias, mesmo quando ha motivo para tristeza, póde ser: ou são de facto mui felizes, ou são entes que vivem para o mundo, illudindo-se, embriagando-se nos prazeres para não sentir o féi do calix das tristezas da vida. Não confundas os tristes com os stoicos; elles não são como Werther, nem como Manfredo, nem como os personagens do Lord Byron.

Estes, são tristes que olham para a terra e succumbem—aquelles de que te fallo são os que olham para o céu, e porque soffrem, têm sede do infinito, não cedem, nem baixam a cerviz ao desespero, mas são francos, pois que não procuram dissimular o bafejo de tristeza que lhes

vae no imo e cheios de santa resignação, si fogem algumas vezes do mundo e dos homens, é porque nem aquelle nem estes podem minorar-lhes as maguas, que serão um dia, quem sabe, as mais bellas rosas sem espinhos de uma corôa de glorias.

O mundo, Lóla, é feito de risos e lagrimas... mas, quando se tem levado uma vida, toda de risos e alegrias, difficilmente poder-se-ha supportar sem desespero os golpes de uma ou outra desventura, «que desfolha nos páramos do exilio,

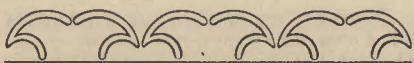
As rozas da esperança,  
Borrifadas de lagrimas de amor...  
Pensa pois o que podem ser os tristes, e não lhes faça injustiça. Applauda, si te apraz, a voz do prazer inaudito, mas não desdenhes do surdo lamento da desventura, porque emfim, tu tambem vives no exilio e a vida do exilio, é feita de risos e lagrimas... e muito embora a senda da existencia seja atapetada de rosas, essas rosas terão sempre alguns espinhos...

Les moissons pour mourir  
ont besoin de rosée;  
Pour vivre et pour sentir,  
l'homme a besoin de pleurs...  
Emfim lembra te sempre que existem duas especies, de tristezas: uma, inspira-se na Caridade—que é o Amor—e traduz-se pela Resignação: a outra é filha do Scepticismo que leva ao desespero e traduz-se pelo remorso.

Com a primeira, o homem ergue os olhos para o Céu; com a segunda, arreja-se no lodo da terra. Na primeira, ha Esperança; na segunda, só existe odio e desespero.

S. Paulo, 13—10—911

SAINT-CLAIR S. FAGUNDES.



## ELLAS

A' Ellas

São duas pequenas,  
Esbeltas phalenas,  
Nas noites amenas  
De um céu todo azul,  
Vagando ligeiras,  
A's brisas fagueiras,  
Por entre as roseiras  
Dos prados do Sul.

São duas boninas,  
Que crescem, divinas,  
Nas densas campinas  
Aos raios do sól;  
Que vivem d'orvalho,  
Qual flor de cerralho  
Pendida no galho  
Saudando o arreból.

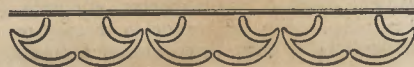
São duas airósas  
Violetas mimósas,  
Cercadas de rósas  
De aroma subtil;  
Casal de pombinhos  
Fazendo seus ninhos  
De verdes raminhos  
Nas tardes de Abril.

Gentis beija-floras  
De fúlgidas cores,  
Sentindo os odores;  
Vivendo de mel;  
Pairando nos ares,  
Por sob os palmares,  
Qual, léve, nos mares  
Deslisa o batél.

São duas donzellas  
Que, meigas, singellas,  
Semelham-se ás bellas  
Imagens no altar;  
Seus olhos tão lindos  
São raios infindos,  
Celestes, bem vindos,  
De um doce luar.

JOINVILLE SEABRA

Paulicéa, 10—10—911.



## Triste Pae!

Antes que Apollo psalmodiasse a primeira estrophe do cantico do dia, de uma pobre choupana, situada em vasto campo, sahiram um ancião, com o corpo curvado sobre um bastão, acompanhando um menino, seu filho, unico arrimo de seus velhos dias.

Em demanda do trabalho partiu o filho.

Eis que uma hora de rota passou e que começou o despontar do dia.

Principiaram a sahir de seus ninhos as bellas e cantoras aves, a procura de alimento para seus tenros filhos.

As flores, entreabrindo seus calices, deixavam deslizar pelas lindas petalinas, as ultimas gottas de arvalho que iam-se confundir com a solo.

Dir-se-hia que a natureza começou a fruir alegria pelo dia que raiando vinha.

Caminhando pois, com passos lentos iam o pae e seu pobre filho.

Depois de terem atravessado a custo diversos kilometros, disse o pae ao filho:—meu filho andemos mais depressa, o dia desponta e a hora do trabalho chega.

—Como poderei eu andar mais apressado, se não podes me acompanhar!

Posso filho, e mesmo que não possa, farei o possivel, pois por ti nada pouparei.

Mesmo assim o filho não atendeu o pae, e por ver que elle não aguentava, no mesmo passo continuou.

De subito o sino da capella agreste bateu 5 horas e meia. Exclama o pae:—Oh! meu filho; vaes chegar atrazado ao trabalho, ainda falta meia legua e só temos meia hora!...

—Que fazer?

—Andar mais depressa, respondeu o pae.

—Como queres andar mais depressa, se com passos lentos custa a caminhar!

—Não meu filho, posso.

Para que não mais o aborresse, o filho apressa-se, porem ja tambem um pouco triste; e o pae tropeçando aqui, alli, acolá, a custo ia.

Cada vez mais no semblante do filho transparecia a agonia dilacerante.

De subito este para e como por ver seu pae soffrer, teve uma forte perturbação cerebral, e cerrando os olhos, cahiu sobre um toco de arvore que no momento elle passava, ao mesmo tempo que de seus rubros labios sairam estas palavras: meu Deus, meu pae, eu morro.

E o pae vendo ante si este espectáculo horrivel, (sua completa desgraça) soltou um grito, e lançando-se sobre o filho moribundo, collocou na frente deste, o ultimo beijo, que exprimiu o amor, a sinceridade e a dor.

LAURO THEODORO.

## A Bandeira

A bandeira de um paiz é o sacro-santo symbolo da honra e do amor patrio de seus filhos; ao mesmo tempo que symbolisa a Patria, recorda-nos os factos mais importantes da nossa historia. Nunca devemos consentir que

ella seja ultrajada e onde quer que estejamos devemos defendel-a.

Oh! quão vergonhoso não seria para nós, si deixassemos em mãos inimigas como tropheu, só para salvarmos a nossa vida! E quão bello e honroso não seria morrer defendendo heroicamente o pendão da nossa patria offendida!...

Para que a nossa bandeira seja respeitada, é preciso que tambem respeitemos a dos outros, pois devemos nos lembrar que tambem elles são possuidores dos mesmos sentimentos patrioticos.

Por decreto de 19 de Novembro de 1889, isto quatro dias depois da republica, foi, pelo governo provisório, instituida a bandeira actual que symbolisa a Republica Brasileira.

Conservaram-se as mesmas cores da bandeira imperial.

Supprimiram-se a coroa com o escudo de armas e os ramos de café e fumo substituindo este todo por uma esphera azul, representando o nosso hemispherio quando o cruseiro passa no meridiano.

Esta esphera é cortada por uma faixa branca onde se lê o lemma «Ordem e Progresso»; as cores verdes e amarellas são consideradas nacionaes e symbolisam as nossas riquezas, a primeira, a nossa exuberante flora, a segunda os nossos mineraes. Em seu conjunto temos a recordação perfeita da bandeira imperial, que triumphante percorreu as campinas do Paraguay, testemunhando feitos heroicos de Caxias, Osorio, Barroso e outros filhos da Terra Brasileira. O cruseiro assim collocado, lembra-nos o Brasil reino que tinha como armas uma esphera armilar e uma cruz de Malta; o azul lembra-nos o heroico povo portuguez, de cujo sangue surgiu a nação Brasileira; o lemma «Ordem e Progresso» exprime a mais ardente aspiração do povo Brasileiro, de unidos em um unico pensamento, sem distincção de idéas partidarias, conseguir o progresso, a mais nobre aspiração de um povo patriota, pois é o progresso o caminho do apogêo da gloria!

Novembro de 1911.

ALMEIDA JUNIOR.

## A' beira de um tumulo

A' meu estremecido pae

12 horas da noite...

N'uma aldeiasinha tudo é silencio. A essa hora apenas Diana desprende seus pallidos raios sobre a terra; o ao longe favorecidos pela claridade do luar, podemos ver que um vulto, embuçado em uma capa hespanhola, caminha a passos vacillantes, ora parando como á certificar-se si é acompanhado, ora correndo apressado! Esse vulto, cuja physionomia não nos é dada á conhecer em vista de seu chapéu de longas abas, a isso obstar parece no entanto dominado, por uma idéa fixa. De vez em quando leva uma das mãos ao peito e pronuncia: «Ah! Cleophas!» Depois como si este nome o suggestionasse, corria... Eil-o que toma a estrada que vae, ter ao cemiterio! Sigmol-o sem sermos vistos, pois que as vegetações que cercam a estrada facilmente nos poderão proteger:

Eil-o que pára ao pé do muro que abriga o campo-santo; volta-se e tendo a certeza que só a lua e Deus são testemunhas, abre a sua capa, pronuncia ainda uma vez «Cleophas!» e em seguida galga com incrível rapidez o muro, e acha-se do lado opposto

Que quererá esse vulto, que á horas caladas da noite, vem violar a mansão dos mortos? Não o sabemos; elle parece dominado pelo amor: pois seus labios pronunciam um nome de mulher:

